

Nuevas formas de nacer
(Texto original)

MOREIRA, Gricelda¹

Hace un tiempo atrás un titular en los diarios, conmovía con la noticia de una embarazada que después de siete semanas de haber sido declarada con muerte cerebral, daba a luz a un bebé en EE. UU.. Esta no ha sido la primera ocasión que esto acontece, por lo cual resulta interesante reflexionar al respecto.

La ley argentina 24.193 modificada por la 26.066 de Trasplantes de órganos, establece que la muerte encefálica implica la ausencia irreversible de respuesta cerebral, con pérdida absoluta de conciencia, inactividad encefálica, ausencia de respiración espontánea, ausencia de reflejos cefálicos; lo que habilita a la ablación de órganos para su donación. Es a partir de este diagnóstico de muerte, que resulta lícita la donación de órganos, acto que es considerado de generosidad y altruismo hacia un ser humano absolutamente desconocido.

Dicho esto ¿por qué nos resulta difícil asimilar la situación planteada?, ¿acaso no hemos sido capaces de desmembrar el cuerpo para mejorar la calidad de vida o para permitir la vida de otro ser humano?

¿Cuál es el concepto de cuerpo que estamos manejando? Hemos transitado un largo camino y hoy nos enfrentamos a un nuevo estatuto epistémico del cuerpo.

En consonancia con ello, el avance de la ciencia y en particular la medicina ha dejado de tener como objetivo curar el cuerpo enfermo para ser una disciplina que permite la modificación tecnológica del cuerpo humano mediante la biogenética y la biotecnología -trasplantes, prótesis, implantes- son un claro ejemplo de ello.

Hasta la muerte se ha vuelto controlable lo que remite a pensar la diferencia entre lo natural y lo artificial.

Nuestra cultura occidental y judeo -cristiana junto con la dualidad cuerpo y alma, ha dado lugar a un entramado de bifurcaciones entre lo natural y lo artificial, entre las

¹ Psicanalista. Mestre em Bioética. Diploma em Reprodução Assistida. Presidente da Bioeticar Associação Civil. E-mail: Bioeticar Associação Civil <grupobioeticar@gmail.com>

máquinas y los humanos; dejándonos sin argumentos ante el vertiginoso desarrollo tecnológico.

Pero más allá de nuestras posiciones al respecto, es un hecho, que el hombre ha dejado de ser algo natural y ya no podemos pensarlo desde estos conceptos dicotómicos.

Por otro lado, es válido preguntarse por el niño que nace de una mujer muerta y sus efectos psíquicos.

Y claro está que en nuestro simbólico es difícil de aprehender esta situación, pero lo que no podemos, es asegurar que este sea un hecho que provoque por sí mismo alguna patología “congénita-psíquica” si puede postularse válido este término, como si el sujeto estuviera predeterminado por las circunstancias que rodean su nacimiento.

En el mismo sentido los efectos que provoque en un niño haber sido concebido artificialmente, dependerán de múltiples circunstancias y en particular de la mirada que el “otro” le devuelva, lo mismo sucede con el niño nacido de un cuerpo sin vida.

Para el psicoanálisis el universo simbólico es esencial para la humanización y determina la aparición del inconsciente. Es decir, el sujeto a advenir es producto de la transmisión que recibe de quien lo adopta como hijo, es por ello por lo que se habla de función materna y función paterna, independientemente de coincidir o no con los progenitores. En conclusión, no hay certezas de su futuro emocional o psíquico, su destino es impredecible de antemano.

Estas noticias nos confrontan ante la pregunta por los límites éticos de los avances de la ciencia. Quizá la dificultad está planteada porque aún somos hombres y mujeres de la modernidad determinados por la subjetividad y transitando la postmodernidad.

REFERENCIAS

Reflejos del propio autor

Novas formas de nascer

MOREIRA, Gricelda²

RESUMO: Nos EUA uma mulher grávida deu à luz um bebê após sete semanas de morte cerebral. Segundo a lei de transplantes argentina, o diagnóstico de morte encefálica implica ausência irreversível de resposta cerebral e permite a ablação de órgãos para fins de transplante. Por que é difícil para nós assimilar a situação? Que conceito de corpo temos neste caso? Hoje enfrentamos um novo estado epistêmico do corpo, por isso são importantes essas reflexões.

Palavras-chave: morte cerebral; nascimento; conceito de corpo; limites éticos.

ABSTRACT: In the US, a pregnant woman gave birth to a baby after seven weeks of brain death. According to Argentine law on transplants, the diagnosis of brain death implies an irreversible absence of brain response and allows the ablation of organs for transplant purposes. Why is it difficult for us to assimilate the situation? What concept of body do we have in this case? Today we face a new epistemic state of the body, which is why these reflections are important.

Keywords: north cerebral; birth; body concept; ethical limits.

RESUMEN: En los Estados Unidos, una mujer embarazada dio a luz a un bebé después de siete semanas de muerte cerebral. Según la ley argentina de trasplantes, el diagnóstico de muerte cerebral implica una ausencia irreversible de respuesta cerebral y permite la ablación de órganos con fines de trasplante. ¿Por qué nos cuesta asimilar la situación? ¿Qué concepto de cuerpo tenemos en este caso? Hoy nos enfrentamos a un nuevo estado epistémico del cuerpo, por lo que estas reflexiones son importantes.

Palabras-clave: muerte cerebral; nacimiento; concepto de cuerpo; límites éticos.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos EUA, uma mulher grávida deu à luz uma criança depois de sete semanas de morte cerebral. A partir da morte cerebral é possível a oblação de órgãos para transplante. Estamos diante de um novo conceito de corpo. O avanço da ciência e, em particular, da medicina deixou de visar curar o corpo doente para ser uma disciplina que permite a

² Psicanalista. Mestre em Bioética. Diploma em Reprodução Assistida. Presidente da Bioeticar Asociación Civil. E-mail: Bioeticar Asociación Civil <grupobioeticar@gmail.com>

modificação tecnológica do corpo humano através da biogenética e biotecnologia - transplantes, próteses, implantes – são um exemplo claro disso.

O homem deixou de ser natural e já não é possível concebê-lo a partir de dicotomias. Por outro lado, é válido perguntar sobre a criança nascida de uma mulher morta e seus efeitos psíquicos. este seja um fato que provoca por si só alguma patologia "congenita-psíquica".

Até a morte se tornou controlável. Mas o que não podemos fazer é garantir que esta forma de nascer provoca por si só uma patologia "congenita-psíquica" como se a pessoa fosse predeterminada pelas circunstâncias em torno de seu nascimento. Por isso é importante esta reflexão.

ATÉ A MORTE TORNOU-SE CONTROLÁVEL

Há algum tempo, uma manchete nos jornais, movida com a notícia de uma mulher grávida que após sete semanas de morte cerebral, deu à luz um bebê nos EUA. Esta não é a primeira vez que isso acontece, por isso é interessante refletir sobre isso.

A Lei Argentina 24.193, modificada pelo artigo 26.066 sobre Transplantes de Órgãos, estabelece que a morte encefálica implica a ausência irreversível de resposta cerebral, com perda absoluta de consciência, inatividade cerebral, ausência de respiração espontânea, ausência de reflexos cefálicos; que permite a retirada de órgãos para doação. É a partir desse diagnóstico de morte que a doação de órgãos é legal, um ato que é considerado generosidade e altruísmo em relação a um ser humano absolutamente desconhecido.

Dito isso, por que é difícil para nós assimilar a situação colocada?, não conseguimos desmembrar o corpo para melhorar a qualidade de vida ou para permitir a vida de outro ser humano?

Qual é o conceito de corpo que estamos lidando? Percorremos um longo caminho e hoje enfrentamos um novo estado epistêmico do corpo.

Em consonância com isso, o avanço da ciência e, em particular, da medicina deixou de visar curar o corpo doente para ser uma disciplina que permite a modificação tecnológica do corpo humano através da biogenética e biotecnologia - transplantes, próteses, implantes - são um exemplo claro disso.

Até a morte tornou-se controlável, o que se refere a pensar na diferença entre o natural e o artificial.

Nossa cultura ocidental e judaico-cristã, juntamente com a dualidade de corpo e alma, deu origem a uma rede de bifurcações entre o natural e o artificial, entre máquinas e humanos; Deixando-nos sem argumentos diante do vertiginoso desenvolvimento tecnológico.

Mas além de nossas posições sobre o assunto, é um fato que o homem deixou de ser algo natural e não podemos mais pensar nisso a partir desses conceitos dicotômicos.

Por outro lado, é válido perguntar sobre a criança nascida de uma mulher morta e seus efeitos psíquicos.

E, claro, em nosso simbólico é difícil apreender essa situação, mas o que não podemos fazer é garantir que este seja um fato que provoca por si só alguma patologia "congenita-psíquica" se este termo pode ser postulado válido, como se o sujeito fosse predeterminado pelas circunstâncias em torno de seu nascimento.

No mesmo sentido, os efeitos que ela causa em uma criança ter sido artificialmente concebido, dependerão de múltiplas circunstâncias e, em particular, do olhar que o "outro" retorna a ele, o mesmo acontece com a criança nascida de um corpo sem vida.

Para a psicanálise, o universo simbólico é essencial para a humanização e determina a aparência do inconsciente. Ou seja, o assunto a ser adquirido é o produto da transmissão que recebe daquele que o adota quando *criança*, por isso falamos sobre função materna e função paterna, independentemente de coincidir ou não com os pais. Em conclusão, não há certezas de seu futuro emocional ou psíquico, seu destino é imprevisível antecipadamente.

Esta notícia nos confronta com a questão dos limites éticos dos avanços da ciência. Talvez a dificuldade seja colocada porque ainda somos homens e mulheres da modernidade determinada pela subjetividade e pelo trânsito pós-modernidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso da mulher grávida com morte cerebral há sete semanas que deu à luz uma criança nos EUA deflagra novo conceito de corpo. Até a morte passa a ser controlável.

Mas a importante reflexão deste artigo reside no fato de se perguntar se esta nova forma de nascer implica alguma patologia, pois a psicanálise entende o universo simbólico essencial para a humanização.

Entretanto, não há certezas quanto ao futuro emocional ou psíquico deste ser nascido de uma mulher já morta para a ciência.

Esta questão nos confronta acerca dos limites éticos em relação aos avanços da ciência. Qual é a nossa dificuldade? Seremos determinados pela subjetividade e pelas transformações pós-modernas?

REFERÊNCIAS

Reflexões da própria autora